



# As valorações a respeito do conceito Inglês Língua Franca em uma interação na rede social *Instagram*.

Rafael Lira Gomes Bastos <sup>1</sup>  
Alisson Gomes de Araújo <sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Neste artigo, analisamos as valorações em torno do conceito de Inglês Língua Franca (ILF) em uma interação na rede social *Instagram*. Para tanto, por meio do aporte teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso, foi analisada uma postagem da página *Inglesemneura* com uma sequência de oito comentários. Levamos em consideração na análise, especificamente, as experiências de vida compartilhadas pelos comentários de quem vive/viveu em um país de língua inglesa como balizadoras da forma como o autor do enunciado se posiciona em relação ao objeto de discurso. Os resultados apontam para o entendimento de que o ILF é uma realidade em grandes cidades de países de língua inglesa, mas que pode ser uma prática social desvalorizada em ambientes mais formais. Pronúncia/sotaque e gramática fora do padrão nativo são os aspectos ressaltados por quem avalia negativamente o ILF, enquanto a comunicação é o aspecto posto em evidência por aqueles que o avaliam positivamente.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Inglês Língua Franca;  
Dialogismo;  
Valoração;  
*Instagram*;

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Assistente da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa em Representações, Linguagem e Trabalho (GERLIT/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6828-5976>.

<sup>2</sup> Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Língua Inglesa da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Membro do Grupo de Pesquisa em Representações, Linguagem e Trabalho (GERLIT/CNPq). Possui bolsa de fomento à formação acadêmica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1406-1828>.

## 1 Introdução

O debate a respeito das dificuldades envolvendo o ensino-aprendizagem de língua inglesa, no Brasil, não é novo. Apesar do número de cursos livres de idiomas espalhados pelo país, pesquisa recente, divulgada pelo jornal *O Globo*<sup>3</sup>, publiciza que apenas 1% da população brasileira se considera fluente e que apenas 5% afirmam ter conhecimento básico sobre a língua. Essa problemática também põe em xeque, apesar da recenticidade, a Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, conhecida como a Lei do Inglês, que tornou o ensino da disciplina obrigatório nas escolas de educação básica, a partir do 6º ano do ensino fundamental. Isso quer dizer que, apesar dos esforços, públicos e privados, o domínio da língua inglesa ainda é um problema para os brasileiros e isso pode estar na base do mito que, como professores, ouvimos constantemente dos alunos: “eu não sei nem português, imagine inglês”.

Mesmo com toda essa dificuldade e, talvez, devido a ela, a Linguística Aplicada (LA) brasileira não deixa de pautar o ensino-aprendizagem da língua inglesa em diferentes perspectivas. Dentre esses estudos, o conceito de Inglês Língua Franca (ILF) tem recebido certa atenção em tempos mais recentes (GIMENEZ; KADRI; CALVO; SIQUEIRA; PORFIRIO, 2015; LOPES; BAUMGARTNER, 2019; DUBOC; SIQUEIRA, 2020; JORDÃO, 2023). O ILF seria, para os autores mencionados, uma alternativa local que pode mudar a forma como os professores e alunos se relacionam com a língua inglesa, resignificando o processo de ensino-aprendizagem a partir de suas próprias experiências e contextos histórico-culturais. De certa forma, esse debate acadêmico tem influenciado, também, a construção de políticas linguísticas oficiais no país.

No âmbito dos documentos oficiais, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) e, mais recentemente, os próprios documentos curriculares dos Estados, como ocorre, por exemplo, com o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) (CEARÁ, 2021), também caracterizam o inglês como Língua Franca. Apesar das críticas de pesquisadores (ver, por exemplo, DUBOC, 2019) sobre como a BNCC operacionaliza o conceito de ILF, queremos destacar, por hora, que a presença do sintagma no texto oficial, por si, já aponta para um avanço em relação à concepção de língua/linguagem refratada no documento, mesmo que permaneçam as enxovalhadas nomenclaturas gramaticais na redação dos componentes curriculares.

Esses exemplos servem para ilustrar que o conceito de ILF já está bastante discutido em âmbito acadêmico e presente, também, em documentos curriculares oficiais. Para além do campo da atividade acadêmica, no entanto, percebemos que a

---

<sup>3</sup> A notícia pode ser acessada em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/do-you-really-speak-english-20808046>

discussão em torno do ILF tem se deslocado para as redes sociais, a nova praça pública, por assim dizer, do debate cotidiano. Na rede social *Instagram*, por exemplo, esse debate ocorre frequentemente em páginas de professores de inglês (brasileiros e estrangeiros) que se multiplicam em busca de vender seus cursos. Dentre elas, uma mereceu nossa atenção, a página *Inglessemneura*<sup>4</sup>. Trata-se de um perfil que divulga, na maioria, *reels*<sup>5</sup> sobre dicas de como aprender inglês e tira dúvidas de seguidores sobre o uso de estruturas gramaticais.

Dentre as muitas postagens, uma nos saltou aos olhos pela quantidade de *likes* e de comentários. Nela, o administrador da página respondia à seguinte pergunta: “Qual melhor inglês para aprender? Americano ou Britânico?” Em sua resposta, o professor tematizou o conceito de Inglês Língua Franca e foi respondido por muitos seguidores, alguns concordando e outros discordando de sua ideia. A partir dessa interação, fomos provocados, do ponto de vista de pesquisadores, a analisar as valorações a respeito do conceito de Inglês Língua Franca na referida postagem da rede social.

Por meio do aporte teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), consideramos, na análise da postagem e da sequência de oito comentários, as relações dialógicas entre os enunciados anteriores e posteriores, tanto com os da postagem como com os discursos que circulam socialmente sobre o mesmo tema. Além disso, consideramos as experiências compartilhadas pelos comentários de quem vive/viveu em país de língua inglesa como balizadoras da forma como o autor do enunciado se posiciona em relação ao objeto de discurso. Com a análise, esperamos, por um lado, contribuir para a compreensão do conceito de ILF em outras situações comunicativas, para além dos campos acadêmico e oficial, e, por outro lado, ampliar a discussão que temos desenvolvido no âmbito de nosso grupo de pesquisa GERLIT (CNPq), sobre como, em uma perspectiva dialógica, as interações em redes sociais se organizam e podem ser objetos de análise.

O texto está organizado da seguinte forma: além desta introdução e das considerações finais, na próxima seção apresentamos como os campos acadêmico e oficial têm tematizado o conceito de Inglês Língua Franca; em seguida, discutimos como Bakhtin e o Círculo pode nos ajudar a interpretar as interações em redes sociais; seguido a isso, a metodologia; e, por fim, a análise dialógica do *corpus* discurso.

---

<sup>4</sup> A página pode ser acessada no link:

<https://www.instagram.com/reel/Co4krkTjCtO/?igshid=MTIyMzRjYmRlZg==>

<sup>5</sup> *Reels* são caracterizados como um recurso audiovisual disponível na rede social *Instagram*, através do qual os usuários podem compartilhar conteúdos com formato e duração determinados pela plataforma.

## 2 Inglês Língua Franca: algumas considerações sobre o objeto de discurso

Nesta seção, gostaríamos de discutir, brevemente, o conceito de ILF advindo do campo da atividade acadêmica e dos documentos oficiais. Fazemos isso porque consideramos importante uma contextualização do objeto de discurso para iluminar a análise que nos propomos a desenvolver. Ressaltar alguns sentidos que já circulam sobre o ILF pode nos ajudar a encontrar as relações dialógicas entre os enunciados que tratam do mesmo tema, mesmo sendo provenientes de um outro contexto de comunicação, como é o caso do *corpus* deste artigo. Lembrando que, para Bakhtin (2016), as relações dialógicas são possíveis, até mesmo, entre dois enunciados distantes no espaço e no tempo, desde que tratem do mesmo objeto de discurso, no caso o ILF.

De início, cabe ponderar que, como esclarecem Lopes e Baumgartner (2019), o termo ILF ainda não guarda consenso entre os pesquisadores acerca de sua amplitude conceitual, suas variantes e até mesmo sobre a possibilidade de o ILF caracterizar-se como uma maneira de utilizar a língua inglesa ou ser uma variante desta. Entretanto, à guisa de estabelecer um ponto de partida conceitual para o ILF e as implicações do debate proporcionado pela análise do *corpus* aqui proposto, podemos avançar sobre as discordâncias de delimitação da abrangência dos termos e considerar as pistas trazidas pelos próprios documentos oficiais acerca do tema.

O campo da atividade acadêmica, desde a década de 1990, começou a construir uma concepção, mesmo que transitória, de ILF. Essa definição surgiu a partir da demanda da superação do mito do falante nativo como padrão a ser seguido no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, entendida até então como uma língua estrangeira (LE), propriedade de um determinado povo, com especial destaque para as variantes americanas e britânicas. Não obstante a isso, como bem nos lembra Jenkins (2015), as pesquisas iniciais em torno do ILF tentaram criar um *corpus* a partir do uso da língua inglesa por não-nativos, no intuito de descrever o ILF e suas variantes, baseado, ainda, na forma linguística.

Com o passar dos anos, os pesquisadores deslocaram a discussão. A preocupação com a forma linguística deu lugar ao debate sobre o uso do inglês em diferentes contextos. Jenkins (2015), portanto, define que o conceito de ILF está relacionado aos usuários da língua em uma determinada prática social. Para a autora, o ILF é o inglês usado como uma língua de contato entre os falantes de diferentes línguas maternas. Claro que, como também explica a autora, em nenhum momento se exclui os falantes nativos de inglês desse contexto, uma vez que, em um mundo cada vez mais globalizado e intercultural, os nativos da língua podem se deparar com interações nas quais o inglês seja usado como língua franca.

A partir disso, o que se tem discutido mais recentemente é um conceito de ILF voltado para práticas sociais situadas. Isso implica dizer que o uso que os falantes fazem da língua se relaciona com quem diz, para quem diz, em que contexto e com que propósito. As formas dessa interação podem ser muito fluidas para caberem em qualquer tentativa de descrição linguística aos modos estruturalistas. De todo modo, é importante salientar que, no Brasil, de forma específica, algumas pesquisas têm sido realizadas em busca da definição de um conceito de ILF feito no país (DUBOC; SIQUEIRA, 2020; JORDÃO, 2023). Esse conceito está intimamente ligado à uma visão que busca explicar o papel do inglês no Brasil, em suas dimensões políticas, sociais e ideológicas.

O ILF feito no Brasil, desse modo, busca combater a famigerada **síndrome do impostor**. Uma condição que faz do falante não nativo de inglês, com destaque para o brasileiro, sentir-se inadequado, aquele que precisa permanentemente de mais conhecimento sobre a língua e de contínua correção. Essa visão de língua de muitos estudantes e professores de inglês brasileiros implica, segundo Jordão (2023), em um sentimento de ansiedade e de incompetência quando precisam interagir em inglês. Essa síndrome pode explicar, em certa medida, como foi discutido na introdução, a dificuldade de o brasileiro conseguir se identificar como proficiente na língua inglesa, mesmo depois da experiência com o ensino da língua na escola de educação básica e/ou em franquias de idiomas.

O ILF feito no Brasil, dessa forma, apesar de sua fluidez, tem focado na ideia de que é possível, a partir de práticas locais, demonstrar explicitamente que os falantes não-nativos de inglês podem se apropriar criticamente da língua a partir de seus próprios desejos e necessidades (JORDÃO, 2023). Certamente, toda essa discussão teórica, que está em pleno desenvolvimento no país, é refletida e refratada pelas políticas linguísticas adotadas em documentos oficiais sobre o ensino da língua inglesa.

A BNCC, por exemplo, ao evocar a importância do ensino de língua inglesa, reconhece sua complexidade e joga luz sobre uma pergunta basilar: “Que inglês é esse que ensinamos na escola?”. O documento leva em consideração uma língua que extrapola as fronteiras dos países que possuem o inglês como língua materna e considera, portanto, os fatores língua, território e cultura, pontos de tensão essenciais para o ensino da língua inglesa, que agrega contextos e usos bastante plurais.

(...) o tratamento dado ao componente na BNCC prioriza o foco da função social e política do inglês e, nesse sentido, passa a tratá-la em seu status de **língua franca**. O conceito não é novo e tem sido recontextualizado por teóricos do campo em estudos recentes que analisam os usos da língua inglesa no mundo contemporâneo. Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do ‘estrangeiro’, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com

diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês ‘correto’ – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (BRASIL, 2021, p. 241, grifos nossos)

Importante ressaltar também que a BNCC tem orientado a formulação de documentos curriculares regionais. Nesse escopo, ao tratar sobre a língua inglesa e pontuar, no início de seu texto, o conceito de língua franca, o Documento Curricular Referencial do Ceará (CEARÁ, 2021), sob à luz das concepções de língua presentes na BNCC, rememora que os mais recentes fenômenos sociais ligados à globalização e, por conseguinte, aos efeitos dessas transformações na comunicação cotidiana entre os indivíduos de diversas nacionalidades, nas trocas comerciais ou mesmo nas relações internacionais em sentido mais amplo, impactam a forma como a língua em questão ganha importância na vida dos indivíduos a ponto de o ensino ser obrigatório nos currículos de todo o país.

Para finalizar, cabe ressaltar que, mesmo que os documentos oficiais orientem o ensino do ILF, poucos professores brasileiros assumem ensinar o ILF ou o fazem apenas do ponto de vista do senso comum (JORDÃO, 2023). Essa realidade pode ser explicada, pelo menos em parte, em nossa opinião, pelo ponto de vista contraditório apresentado nos próprios documentos oficiais que, ao usarem a definição de ILF, preconizam, paradoxalmente, o ensino de estruturas gramaticais homogêneas em suas unidades curriculares, como evidenciou Duboc (2019), a partir de sua leitura da BNCC. Por isso, na análise, será indispensável compreender as forças arraigadas nas concepções de língua e de ensino-aprendizagem que podem estar ligadas a questões hegemônicas, como, por exemplo, às situações em que alguém indaga a um falante de inglês se a variante que deve aprender é a norte-americana ou a britânica.

Outra explicação para o problema pode estar relacionada aos próprios aspectos linguísticos e pontos de vista que ainda enxergam a língua como um constructo dependente exclusivamente de sua estrutura ou de aspectos que somente um falante nativo poderia produzir, como é o caso da pronúncia e da gramática **corretas**. Sob essa ótica, a variante mais adequada seria aquela que se aproxima dos falantes nativos de nações hegemônicas como os Estados Unidos ou dos territórios que compõem o Reino Unido, por exemplo. Seja como for, com este trabalho, esperamos lançar luzes sobre como o conceito está sendo discutido em ambientes digitais e o que as interações discursivas podem informar sobre as posições valorativas dos sujeitos que interagem sobre o tema.

### 3 A Análise Dialógica do Discurso em contexto digital

Nosso grupo de pesquisa, GERLIT (CNPq), recentemente vem realizando algumas investigações sobre análises de interações discursivas em ambiente digital. Dentre elas, destacamos a análise de charges veiculadas em ambiente digital sobre as formas de representar a profissão docente realizada por Ribeiro e Rodrigues (2022) e a análise de Bastos (2022) sobre as disputas de sentido envolvendo o corpo homossexual masculino caracterizado como urso em uma postagem na rede social *Facebook*.

Essas pesquisas, apesar de objetos distintos, têm em comum o fato de se valerem do pensamento de Bakhtin e o Círculo para interpretar discursos que circulam em ambiente digital. Claro que Bakhtin e o Círculo não escreveram especificamente sobre esse de interação discursiva; porém, consideramos o pensamento dialógico de um elevado valor heurístico capaz de iluminar a análise de enunciados de diferentes campos da atividade humana e dos mais variados contextos, inclusive o digital.

O conceito de enunciado, central para nossa análise, está muito bem desenvolvido no ensaio *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016). Bakhtin é até mesmo repetitivo em afirmar que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, contrapondo-se, assim, à noção de oração até então estudada pela linguística de sua época. Isto quer dizer que, para o Círculo de Bakhtin, o discurso só existe em forma de enunciados concretos proferidos por este ou aquele sujeito em determinada situação comunicativa.

Por isso, esclarece o autor, "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados" (BAKHTIN, 2016, p. 26). Dessa forma, como elo, além do sistema da língua, o enunciado é composto pelas relações retrospectiva e prospectiva entre outros enunciados no fluxo da interação discursiva. Dada essa peculiaridade, a Análise Dialógica do Discurso que praticamos desenvolve, especificamente, uma análise linguístico-enunciativo-discursiva em busca de descortinar os sentidos envolvidos nesta ou naquela interação. Linguística porque não descarta, em nenhum momento, a análise da língua propriamente dita, como orienta Volóchinov (2018). Enunciativa pois é o enunciado a unidade de análise que, por sua vez, permite o acesso às condições de produção, circulação e recepção dos mais variados discursos.

Temos considerado, sob essa ótica, interações em redes sociais, a exemplo do *Facebook* e, no caso desta pesquisa, do *Instagram*, como enunciados concretos. Da mesma forma, consideramos enunciados os comentários que respondem à postagem à qual estão vinculados. Assim como são enunciados os comentários que respondem a um outro comentário. Como não poderia deixar de ser, postagem e comentários respondem também aos discursos que circulam socialmente sobre o mesmo objeto de discurso. Essa dinâmica cria uma teia complexa de relações dialógicas que precisam ser melhor explicadas a partir da caracterização de um enunciado em Bakhtin (2016), especialmente por meio da noção de conclusibilidade, pois enxergamos nela um bom

parâmetro para discutirmos os limites e as formas de interações discursivas em ambiente digital.

Para Bakhtin (2016, p. 29, grifos no original), “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes”. O autor ainda explica que essa alternância, pode assumir, a depender da situação comunicativa, diferentes formas. Essa dinâmica é melhor observada em diálogos cotidianos, em que os interlocutores se alternam por meio de réplicas. Cada réplica pode ser entendida como um enunciado concreto, pois expressa a posição valorativa do falante e suscita uma resposta do interlocutor. Daí, nada mais didático do que compararmos as interações em ambientes digitais com as réplicas do diálogo cotidiano, uma vez que essa foi, talvez, a maior analogia construída pelos textos do Círculo de Bakhtin para explicar o funcionamento dialógico da linguagem.

Ainda sobre a conclusibilidade do enunciado, Bakhtin (2016, p. 35) afirma que ela “é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis em dado momento ou sob dadas condições”. Por analogia, podemos dizer que, no ambiente digital, as pessoas participam de uma forma específica de interação, com formas próprias de acabamento do enunciado. Mas não podemos concordar que um comentário seja entendido como parte de um enunciado maior - a postagem -, apesar de responder a ela. A postagem e os comentários possuem uma conclusibilidade determinada, pois o escrevente disse tudo o que quis dizer em determinado momento.

São dois sujeitos do discurso, o autor da postagem e o autor do comentário que responde à postagem. Autores com vontades discursivas diferentes e uma avaliação própria do objeto de discurso. Por mais que a relação espaço-temporal seja dilatada em ambiente digital, algo que foi enunciado em momento imediatamente anterior em uma postagem jamais poderá ser **continuado**, criando, assim, um único enunciado, nem mesmo se fosse uma réplica do mesmo autor. Essa interpretação só é possível se for realizada à revelia da alternância dos sujeitos do discurso, o que foge, certamente, do escopo da concepção dialógica de linguagem. Postagem e comentários são, em nosso ponto de vista, enunciados concretos diferentes que, como ensina Bakhtin, são respondidos, seja pelo próprio autor da postagem ou por outros usuários da rede social.

Por isso, quando analisamos um enunciado do *Instagram*, a postagem ou os comentários, precisamos considerar as especificidades das relações dialógicas entre eles. Consideramos, para tanto, que o enunciado, além de pressupor os recursos linguísticos em sua composição, é constituído por três elementos interdependentes: (i) o objeto de discurso - o conteúdo sobre o qual fala o locutor, no caso o ILF; (ii) a expressividade - o aspecto valorativo do autor do enunciado, se a favor, se contra e (iii) as relações com os enunciados anteriores e com os enunciados posteriores - responsividade e endereçamento. Precisamos considerar que a relação entre enunciados acontece, como já adiantamos, entre a postagem e os comentários de

forma mais imediata, assim como entre os enunciados que circulam socialmente sobre o mesmo objeto de discurso.

Sobre o segundo elemento, central para a ADD, cabe esclarecer que a expressividade pode assumir determinados tons apreciativos no enunciado. Por isso, na relação com o discurso do outro, o locutor pode assumir tom irônico, indignado, simpático, crítico etc. Bakhtin (2016) adianta que no enunciado escrito é como se o analista precisasse **adivinhar** e **sentir** a entonação expressiva do locutor a partir da relação com a palavra do outro, já que não temos acesso aos aspectos prosódicos da fala. Dessa forma, é possível dizer que quando tematizam o objeto do discurso Inglês Língua Franca, os autores do enunciado expressam uma posição valorativa a respeito do objeto tendo em vista a posição social que cada um ocupa no mundo da vida.

Sobre a questão axiológica dos enunciados em contexto digital, cabe uma explicação adicional. Por mais que seja difícil e até por vezes como adiantou Bastos (2022), impossível identificar o autor real do enunciado, isto é, quem ele é no mundo da vida, podemos interpretar, por meio de seu posicionamento axiológico, qual papel social é assumido por esse sujeito do discurso. E isso não é trivial na análise que desenvolvemos, uma vez que, como lembra Bakhtin (2018), é por meio da posição valorativa do autor do enunciado que podemos responder a ele, concordando, discordando, complementando. E isso vale, evidentemente, para a própria análise.

Assim, não entendemos que exista um campo da atividade digital *per se*, mas um ambiente digital em que interagem vários campos da atividade humana, como, por exemplo, o campo educacional que tematiza o ILF. Os pontos de vista, portanto, estão ligados ao campo da atividade no qual circula o discurso no mundo da vida e da cultura. Na postagem que trouxemos para a análise, por exemplo, vemos interagir professores, alunos, aprendizes e falantes da língua inglesa e não sujeitos digitais que falam de dentro do campo digital com uma ideologia própria. O ambiente digital é, por assim dizer, um palco de disputa, uma praça pública, na qual os sentidos são produzidos em relação com os papéis sociais assumidos pelos usuários das redes sociais.

É mister considerarmos, portanto, que a ressonância dialógica descrita por Bakhtin (2016), aplicada às características hodiernas do espaço de interação analisado neste artigo, o território das redes sociais, conduz-nos à percepção de que os enunciados ali construídos estão interligados. Essa relação se estabelece não somente com o enunciado do autor da postagem naquele ambiente virtual, mas também com outros enunciados que pressupõem as relações estabelecidas pelos usuários em outros contextos espaço-temporais de comunicação e, provavelmente, aos pontos de vista delimitados em suas vivências cotidianas, os indivíduos notadamente interessados no ensino-aprendizado de língua inglesa.

## 4 Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, assumindo um olhar dialógico para a construção do *corpus*, analisamos uma postagem retirada da página do *Instagram Inglessemneura*. Trata-se

de um perfil aberto, visível para todos os usuários da rede social, por isso, um conteúdo público. Dada essa especificidade, e considerando os artigos 7 e 11 da Lei 13.853/2019, a pesquisa acadêmica que trata de dados pessoais obtidos por meio do estudo de perfis públicos está desobrigada a pedir consentimento ao titular para a publicação e, portanto, desobrigada, também, do parecer do comitê de ética em pesquisa. Mesmo assim, sempre que possível, omitimos os nomes dos autores dos comentários analisados. No momento da constituição do *corpus* desta pesquisa, a página contava com 538 mil seguidores e 5.800 publicações. O perfil é administrado pelo professor Jorge Henrique Alves que se identifica como “Letrólogo, Linguista, pai, marido e escandaloso”.

Já percebemos, na própria descrição do perfil, os diferentes papéis sociais assumidos pelo autor do enunciado: professor, pai, marido. Da mesma forma, destacamos o tom jocoso ao se colocar como “escandaloso”. Assim, os usuários que visitam a página podem se deparar com um professor de inglês nada convencional. Apesar disso, ao grafar “Letrólogo” e “Linguista” com iniciais maiúsculas, apresenta-se, a despeito do tom jocoso, como um especialista. Tal especificidade, pode responder à demanda sobre a profissão de professor de inglês no Brasil que, durante muito tempo, foi e ainda é exercida, especialmente em contexto de cursos livres de idiomas, por profissionais das mais diferentes áreas do conhecimento ou, até mesmo, sem formação de nível superior, tendo a fluência na língua alvo como o requisito principal para ensinar sem, necessariamente, a habilitação em Letras.

Além disso, o professor ainda promete no perfil: “Te faço falar inglês usando português”. Tal posição pode produzir, pelo menos, dois sentidos. O primeiro, de que a página tem um objetivo comercial, qual seja, vender um curso de inglês que já conta, segundo o perfil, com mais de “10 mil alunos no mundo”. O segundo, uma forma diferente de entender o ensino da língua, uma vez que falar inglês usando português se distancia da ideia de que durante as aulas de inglês não é permitido falar português, como está no imaginário de grande parte dos professores (BASTOS, 2019). Talvez seja esse o contraponto necessário para que a página alcance um público tão variado.

Seja como for, dentre as muitas postagens da página, uma nos chamou mais atenção por tematizar explicitamente o conceito de Inglês Língua Franca. Como professores de inglês interessados no ensino-aprendizagem da língua, fomos provocados, do ponto de vista de pesquisadores, em analisar as valorações em torno desse objeto de discurso em um contexto diferente do acadêmico e do oficial. Para isso, nossa interação prévia com a página foi essencial. Isso quer dizer que nossa posição no mundo da vida foi fator determinante para a delimitação do *corpus* a ser analisado na pesquisa e não o contrário.

Para viabilizar a análise, selecionamos para este texto, além da postagem, um recorte de oito comentários, por considerarmos que são os mais representativos do ponto de vista valorativo em torno do conceito de ILF. Além disso, o recorte se justifica pela necessidade de síntese que requer o gênero. De todo modo, acreditamos que o *corpus* apresentado pode ilustrar, do ponto de vista dialógico, como os sujeitos que

debatem o ensino-aprendizagem de língua inglesa em ambiente digital se posicionam sobre a temática.

Sobre a interação, ainda cabe dizer que visualmente os comentários do *Instagram* não são hierarquizados como no *Facebook*. Isto é, eles são organizados logo abaixo um do outro, abaixo da postagem (como pode ser observado nas Figuras 2, 3 e 4 na seção de análise). Mesmo assim, conseguimos identificar quando o comentário é uma resposta direta à postagem e quando é uma resposta direta a um outro comentário. No primeiro caso (observado no comentário 1 da Figura 3), o comentário responde diretamente à postagem. Os outros comentários, por sua vez, respondem a comentários anteriores, e isso é possível de ser identificado porque o *Instagram* permite que o @ (nome do usuário) de quem alguém deseja responder seja marcado.

Nesse ponto, ao analisarmos uma postagem de rede social que já guarda em si a previsibilidade e, em muitos casos, o incentivo a ocorrência de respostas ao tópico veiculado pelo autor ou aos próprios comentários já realizados, é imprescindível que compreendamos os atos responsivos e os posicionamentos valorativos como elementos intrínsecos à natureza do próprio enunciado. Amparados, portanto, na ideia de que o enunciado é composto por três elementos interdependentes - objeto de discurso, valoração e relação com os discursos dos outros - como discutido na seção teórica, prosseguimos, na próxima seção, com a análise dialógica da interação discursiva no *Instagram*.

## 5 Análise dialógica de uma interação da página *Inglessemneura*

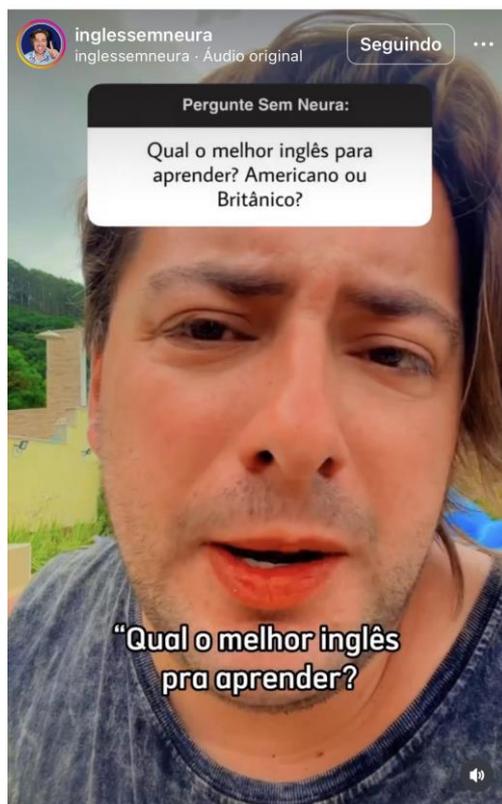
Como já mencionado, trazemos para a análise, na Figura 1, uma interação da rede social *Instagram* da página *Inglessemneura*. Se, por um lado, podemos comparar a rede social à praça pública, lugar do debate, por outro lado, podemos reconhecer que as páginas (e os perfis individuais) são os mais diversos palcos onde se discutem os pontos de vista sobre um determinado objeto de discurso. No caso em tela, o administrador da página utiliza um tipo de enunciado próprio do ambiente digital para divulgar seu ponto de vista sobre o ILF: o *reel*. Alguns esclarecimentos sobre esse enunciado se fazem necessários.

De acordo com Bakhtin (2016), todo enunciado é sempre exemplar de um gênero do discurso. Dessa forma, possui um tema, uma estrutura composicional e um estilo próprio, relacionados ao campo ideológico da atividade humana do qual faz parte. Como já esclarecido, apesar de ser um ambiente digital, acreditamos que o enunciado participa do campo da atividade educacional, uma vez que é de autoria de um professor, mas que, de certa forma, dilata-se no ambiente digital. A resposta a esse enunciado, portanto, pode vir de sujeitos que falam a partir dos mais diversos campos da atividade humana.

Quanto ao tema, o *reels* trata sobre o conceito de ILF e que é, de certa forma, aceito pelos autores dos comentários. Quanto à estrutura composicional, podemos salientar que o *reels* é um enunciado verbo-visual, pois integra, no mesmo plano de

expressão, elementos verbais (a fala do professor, legenda e a materialidade verbal que está na caixinha de pergunta) e elementos visuais (a gravação da imagem do professor em vídeo). Apesar da importância dos gestos, da entonação da fala e de outras nuances visuais na composição do enunciado, por questão de espaço e tempo, gostaríamos de nos deter precisamente na análise da materialidade verbal da legenda e dos comentários. Por fim, o estilo, como vem de um professor, tende para a formalidade, assumindo, por vezes, tons jocosos e informais, o que pode ser entendido como a materialização enunciativa da relação entre o campo da atividade educacional e o contexto informal do ambiente digital, como segue exemplificado abaixo.

**Figura 1** - Print da postagem da página *Inglessemneura*



**Fonte:** página *Inglessemneura*

Transcrição da legenda do reel:

“Qual melhor inglês para aprender? Americano ou britânico?” Nem Americano nem Britânico. Mas sim brasileiro. Tá?! Sendo inglês uma Língua Franca que se encaixa lindamente em todas as línguas, por que você tenta falar com um modelo linguístico que não é seu? Pare e pense comigo: que relevância isso tem na sua construção e habilidade de fala? Entenda e desconstrua o quanto antes a neura que te enfiam goela abaixo quando afirmam que seu inglês de brasileiro é feio e inadequado. Falar como um brasileiro ou brasileira é o que você tem pra hoje e sempre. Você não muda mais isso! Você já nasceu. Você já tem suas especificidades diante do uso da língua materna. Né?! Isso é mais uma forma covarde de vender esse ou aquele modelo de curso como

ideal te desconectando de você mesmo. E vem cá: não são mais os estudantes estrangeiros que precisam se adaptar a um padrão nativo de pronúncia, mas sim o falante nativo que deve aprender a se adequar à Língua Franca. É claro que não tem nada de errado você escolher o padrão de uma nacionalidade para ensinar ou aprender sonoridade e produção. Mas exigir falar como um americano ou britânico com uma noção rígida de pronúncia certa ou errada, é algo que já não cabe mais. Aceita que suas especificidades nativas já existem e vai ser bilíngue e feliz com elas. Tá? Sem português, sem inglês. Foca! Meu café até esfriou!”

**Fonte:** página *Inglessemneura*

O professor inicia seu enunciado lendo a caixinha de perguntas, nome dado no Brasil ao recurso que permite ao usuário da rede social fazer indagações que incentivam a participação de seus seguidores ou visitantes eventuais da conta. A caixa de perguntas do *Instagram* é uma ferramenta bastante utilizada para interação do proprietário da conta com os seus seguidores. Ela está relacionada aos *stories*, possibilidade de publicação com duração de 24 horas, mas pode gerar novas postagens, já que, provavelmente, haverá respostas à pergunta publicada. Nesse momento, o usuário que administra a conta pode escolher responder àquela interação de forma privada ou até (re)postar as respostas dos participantes que interagiram com sua pergunta.

Quando consideramos o número de seguidores da página, podemos pressupor que o professor recebe centenas de perguntas sempre que abre o recurso da caixinha. Ao escolher especificamente responder à pergunta: “Qual o melhor inglês para aprender? Americano ou Britânico?”, podemos entender que o tema é central para o professor e para o perfil da página que promete ensinar inglês usando português. Além disso, ao responder à pergunta, o professor tematiza o conceito de ILF explicitamente. Tal posicionamento, reflete e refrata várias possibilidades de entender o conceito em diálogo com o discurso acadêmico e com o discurso oficial, como exemplificamos na seção teórica. Vejamos como essas relações dialógicas podem se materializar linguístico-discursivamente.

Parece que o conceito de ILF na perspectiva do professor está vinculado diretamente à língua materna de quem está aprendendo inglês, o que dialoga de forma direta com a concepção de ILF defendida por Jenkins (2015). Essa valoração pode ser corroborada no seguinte excerto: “Sendo inglês uma Língua Franca que se encaixa lindamente em todas as línguas”. Dessa forma, é como se o ILF, na opinião do professor, se encaixasse em todas as línguas e não o contrário. Mesmo trazendo o sintagma ILF do campo acadêmico, o professor acrescenta o advérbio “lindamente”, o que faz interagir o tom formal, do professor, com um tom divertido ou, até mesmo irônico, nas interações em ambiente digital. De toda forma, ao tematizar o conceito, a valoração que prevalece é a de que o ILF se trata de uma revolução que parece ser uma alternativa ao mito do nativo como modelo a ser seguido no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa.

Tanto é assim que o professor continua: “Entenda e desconstrua o quanto antes a neura que te enfiam goela abaixo quando afirmam que seu inglês de brasileiro é feio e inadequado”. Ao continuar respondendo à pergunta, o professor mantém, aqui, relações dialógicas com um discurso que circula socialmente sobre o ensino de língua inglesa que ele classifica como “neura”, recuperando, assim, o nome da página, apontando para um tom combativo. “Entenda” e “desconstrua”, pelo uso do imperativo, recuperam a voz do professor que sabe o que é melhor para o ensino da língua e orienta seus alunos. O professor, assim, classifica o ponto de vista que afirma que o inglês de brasileiro é “feio” e “inadequado”, presente na síndrome do impostor (JORDÃO, 2023), como uma “neura” a ser combatida. O tom de combate é aqui recuperado pelo uso do verbo “desconstruir”. Além disso, o professor utiliza a expressão “enfiam de goela abaixo” para atacar esse discurso.

O sujeito do discurso que é atacado pelo professor parece ficar mais evidente: “Isso é mais uma forma covarde de vender esse ou aquele modelo de curso como ideal te desconectando de você mesmo”. Parece que “aqueles” que enfiam a “neura goela abaixo” dos aprendizes de língua inglesa são os mesmos que dominam o mercado de cursos livres de idiomas. Dessa forma, o curso vendido como “ideal” é atacado como “covarde”. Esse tom agressivo aponta para o sentido de que o autor do enunciado está, de fato, competindo com os outros modelos de curso ou maneiras de conceber o ensino de inglês, pois um dos objetivos de sua página também é a venda de curso, que disputa lado a lado com as tradicionais franquias. Podemos sugerir também que, ao atacar esses tipos de curso, o professor assume que eles não trabalham com o conceito de ILF, por isso, acabam “desconectando” os alunos de si mesmos, pois não valorizam a língua materna e, por consequência, as experiências sócio-históricoculturais dos alunos.

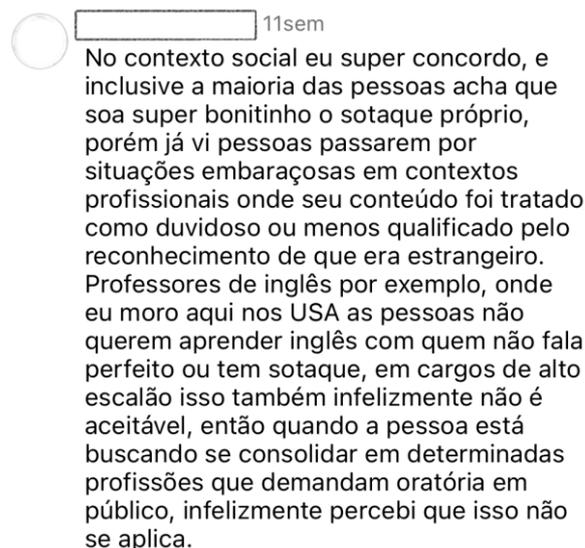
Posteriormente, encontramos, de forma mais explícita, uma definição para ILF: “E vem cá: não são mais os estudantes estrangeiros que precisam se adaptar a um padrão nativo de pronúncia, mas sim o falante nativo que deve aprender a se adequar à Língua Franca”. Percebemos que existe nesse excerto a circulação de uma ideia de que a realidade do ILF muda, de fato, a dinâmica do ensino-aprendizagem da língua inglesa. O padrão da pronúncia nativa que era perseguida, muitas vezes sem sucesso, por alunos “estrangeiros”, agora cede lugar à necessidade que o nativo tem de se adaptar às diversas situações comunicativas com pessoas de diversos *backgrounds* culturais que usam inglês para se comunicar.

Encontramos relações dialógicas entre essa definição e a ressalva de Jenkins (2015) sobre o fato de que o falante nativo de inglês não é e nem pode ser desconsiderado no contexto de uso do ILF. Ao contrário, ele precisará utilizar o ILF em determinadas situações comunicativas nas quais o outro tem uma língua materna diferente. Apesar disso, ainda observamos o uso do sintagma “estudantes estrangeiros” na fala do professor, que pode ser entendido como resquício do papel hegemônico desempenhado pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido, tidos como os “donos” da língua inglesa. O ILF combate exatamente a ideia de que o inglês seja a língua de um determinado povo e, seus aprendizes, os “estrangeiros” que precisam se

adaptar à forma como a língua é usada naqueles países. Tratar os aprendizes da língua inglesa ainda como “estudantes estrangeiros” pode apontar para o entendimento de que o conceito de ILF ainda está em pleno desenvolvimento, o que implica em contradições conceituais.

Dessa forma, o professor conclui que a pergunta que foi feita por um seguidor, colocando em evidência dois modelos de inglês - o americano e o britânico - não cabe mais diante da realidade do ILF. Por isso, apesar de aceitar que o aluno pode seguir o padrão de pronúncia de uma nacionalidade, é contra a ideia de que o padrão nativo seja tomado como parâmetro de pronúncia certa ou errada. Aceitar as especificidades relativas aos usos idiossincráticos da língua inglesa é, portanto, na visão do professor, a condição para que o aluno se reconheça como bilíngue. Apesar de essa ser uma ideia compartilhada pelos campos acadêmico e oficial, especialmente entre aqueles que pesquisam o ILF feito no Brasil (DUBOC; SIQUEIRA, 2020; JORDÃO, 2023), ela foi valorada de maneiras diferentes nos comentários que responderam à postagem, como o apresentado na Figura 2, abaixo.

**Figura 2 - Comentário 1**



**Fonte:** página *Inglessemneura*

Em resposta à postagem principal, o comentário 1, destacado na Figura 2, apresenta uma concordância parcial com o ponto de vista defendido pelo professor. A usuária pontua sua adesão aos benefícios do ILF defendidos pelo autor da postagem apenas quando circunscritos ao que ela chama de contexto social, situações nas quais ela afirma que: “a maioria das pessoas acha até bonitinho o sotaque próprio”. Destacamos que o uso do adjetivo “bonitinho”, no enunciado, pode imprimir um tom irônico ou, até mesmo, de desprezo para com aqueles que falam o inglês com marcas da língua materna.

Porém, ao evocar o contexto profissional, ela relata situações em que “o conteúdo foi tratado como duvidoso ou menos qualificado pelo reconhecimento de que era estrangeiro”. Aqui podemos supor que a pessoa que comenta tenha

vivenciado experiências profissionais que validam seu ponto de vista acerca de como as diversas situações comunicativas podem exercer diferentes valorações do modo como o indivíduo fala naquela língua. Pesa, neste caso, um fator basilar para a credibilidade do profissional que se comunica em inglês evidenciado pela usuária, o fato de ser estrangeiro e, de certo modo, não lograr êxito no uso do ILF, já que o “sotaque próprio” pode desqualificar a capacidade do profissional.

Ainda na defesa de sua opinião, na parte dissonante ao defendido pelo autor da postagem, a autora do comentário insere no debate um outro elemento, o modo como o ensino-aprendizagem de inglês se desdobra nos Estados Unidos. Ela diz: “Professores de inglês por exemplo, onde eu moro aqui nos USA, as pessoas não querem aprender inglês com quem não fala perfeito ou tem sotaque”. É salutar percebermos aqui duas estratégias linguístico-discursivas que são utilizadas de modo a certificar a validade do ponto de vista defendido no comentário. A primeira, diz respeito ao fato de a pessoa que comenta inserir, em uma oração explicativa - “onde eu moro aqui nos USA” -, a informação de que reside no território norte-americano, usando inclusive a sigla em inglês (United States of America - USA), fator que contribui para a legitimidade da posição defendida. A segunda, joga luz sobre a instância da prática educacional, no momento em que descreve a demanda dos estudantes de inglês naquele país e evoca a figura do professor de inglês, indivíduo que deve falar o inglês “perfeito”, isto é, sem “sotaque”.

O discurso da usuária retorna, então, ao campo das práticas de trabalho e do ambiente corporativo: “então quando a pessoa está buscando se consolidar em determinadas profissões que demandam oratória em público, infelizmente percebi que isso não se aplica”. O uso do sintagma “oratória” evidencia a demanda, habitualmente ligada a alguns cargos desse setor, de comunicações orais em público que podem ser afetadas quando o falante faz uso do ILF: “infelizmente percebi que isso não se aplica”. O dêitico “isso” retoma o conceito de ILF defendido pelo professor em sua postagem, mas discorda com ele, mesmo utilizando o modalizador “infelizmente”. Em outras palavras, a utilização do ILF, para a autora, aproxima-se do mito do inglês nativo e traria ao indivíduo prejuízo à sua carreira profissional, não mais validada exclusivamente por sua performance geral no trabalho, mas também por suas habilidades comunicativas orais em determinada variedade da língua inglesa. Por outro lado, fica implícita a ideia de que o uso do inglês americano traria aspectos positivos ao conjunto de características de sua performance profissional naquela situação.

Desse modo, estabelece-se claramente que o mito do falante nativo, como propósito a ser alcançado pelo aprendiz da língua inglesa, distancia-se daquele preconizado pelo ILF refratado na postagem do professor. Ao contrapor às situações de comunicação em “contexto social” e em “contexto profissional”, a autora do comentário enfatiza que o “sotaque” é ponto fundamental para avaliar o uso do ILF como negativo em contextos mais formais - o profissional -, mesmo considerando-o “bonitinho” em contextos menos formais - o social. Há que se considerar, outrossim, que os dois contextos de uso do ILF, sugeridos pela autora, nem sempre se configuram em instâncias independentes. É possível que haja um entrecruzamento delas, mesmo

quando compreendemos que a autora do comentário quis demonstrar contextos comunicativos nos quais o ILF pode ser mais ou menos aceito.

**Figura 3** - Sequência de comentários 2

The image shows a sequence of four comments on a social media post. Each comment is followed by a black arrow pointing to a label: 'Comentário 1', 'Comentário 2', 'Comentário 3', and 'Comentário 4'.

**Comentário 1:** User *inglessemneura* (11sem) says: "Língua Franca é embaraçosa até com os próprios nativos de inglês que possuem os famosos sotaques 'perfeitos' - veja as aspas, pelo amor de Deus. Ou seja: não muda nada." Options: Responder, Ver tradução.

**Comentário 2:** User [redacted] (11sem) says: "@inglessemneura não entendi" Options: Responder, Ver tradução.

**Comentário 3:** User *inglessemneura* (11sem) says: "Eu desconheço essa realidade de 'lá fora contrataram apenas sotaque perfeitos@. Não é essa verdade que trazem como pauta social. Muito pelo contrário - para os estrangeiros o fundamental é que seja coerente, apenas." Options: Responder, Ver tradução.

**Comentário 4:** User [redacted] (11sem) says: "@inglessemneura no caso não falando apenas de sotaque, mas da construção gramatical tbm"

**Fonte:** página *Inglessemneura*

Na sequência de comentários acima, notamos, com mais clareza, a alternância dos sujeitos do discurso a partir de seus posicionamentos axiológicos na defesa de pontos de vista distintos sobre o ILF. Isso é importante para ilustrar o aspecto da conclusibilidade do enunciado, como discutido em Bakhtin (2016). Quando o professor responde ao comentário feito em sua postagem, ele não continua a interação como se fosse um único enunciado digital, mas, por meio do comentário, que funciona como um outro enunciado na réplica do diálogo, também responde a sua própria postagem e ao comentário anterior, suscitando, dessa forma, uma resposta futura na cadeia da interação discursiva. Isso quer dizer que em cada réplica, o autor do enunciado (postagem ou comentário) disse tudo que queria dizer em determinado momento e abre espaço para a resposta do interlocutor.

Na sequência de comentários em tela, o proprietário da página, apresenta-se claramente como um defensor contundente do ILF. Não obstante a isso, ele afirma, no comentário 1, "que a Língua Franca é embaraçosa até com os próprios nativos de inglês que possuem os famosos sotaques 'perfeitos'". Recuperamos, aqui, por meio do uso

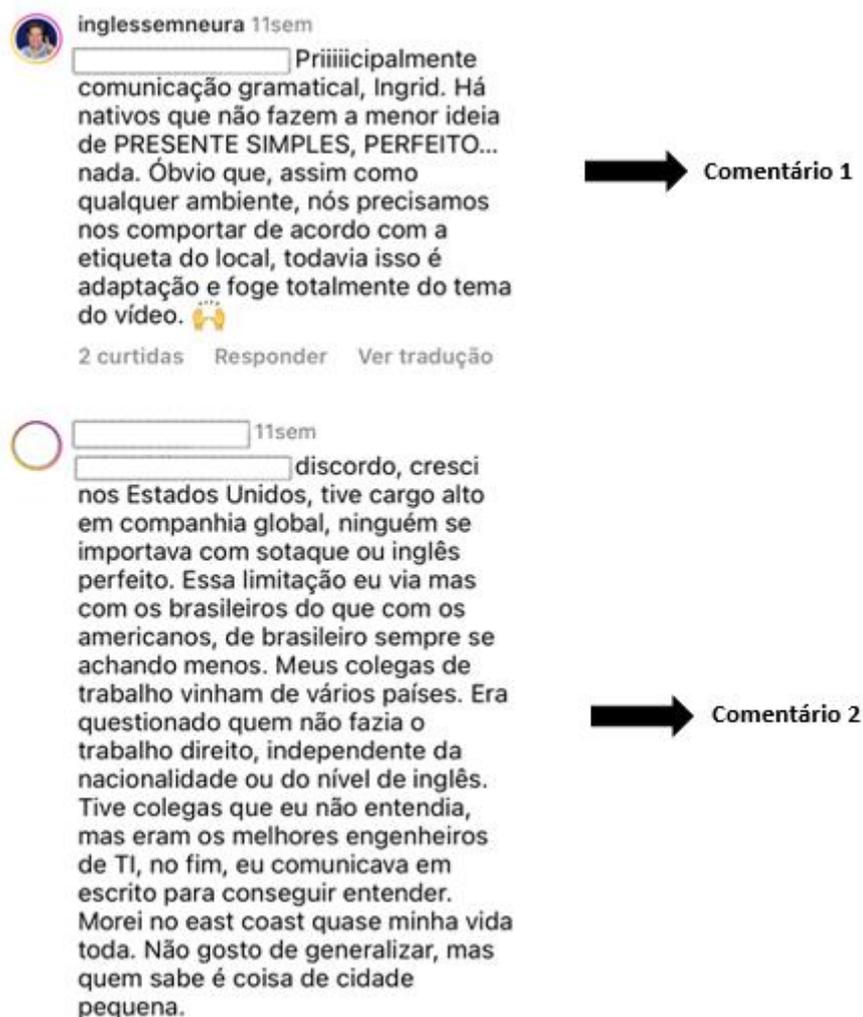
do sintagma “embaraçosa”, a dificuldade apresentada por Lopes e Baumgartner (2019) sobre uma possível definição para o ILF. Assim, para o professor, as dinâmicas envolvidas nas interações, até entre nativos, podem ser, por vezes, complicadas, da mesma forma que a interação entre sujeitos com diferentes línguas maternas que se comunicam em inglês também podem ser, como foi sugerido pelo ponto de vista da usuária analisado na Figura 2.

Ao responder diretamente, agora, ao comentário 1 do professor, a seguidora enuncia que “não entendi”. Essa resposta, por sua vez, suscitou uma nova resposta do professor, dessa vez mais elaborada. Note-se a vontade discursiva dos sujeitos em estabelecer o diálogo na rede social, ao criarem, por meio de pontos de vistas diferentes, o palco de disputa sobre o ILF. Dessa forma, o professor, no comentário 3, afirma que “eu desconheço essa realidade de “lá fora contrataram apenas sotaques perfeitos@. Não é essa verdade que trazem como pauta social”. Assim, ao se contrapor ao primeiro comentário da usuária, o professor, mesmo sem evidenciar se já morou ou se mora em país de língua inglesa, discorda do ponto de vista da interlocutora, mesmo sendo sustentado por uma experiência pessoal de quem vive/viveu nos Estados Unidos. Conforme a opinião do professor, o importante é que “para os estrangeiros o fundamental é que seja coerente, apenas”. Ao destacar a “coerência” como aspecto fundamental no uso da língua inglesa em países estrangeiros, o professor apresenta uma valoração positiva do ILF, inclusive em contexto profissional, recuperado pelo uso do verbo “contratar”. Dessa forma, podemos apontar para a valoração de que, mesmo em ambientes formais, o uso do ILF pode ser valorizado se considerada a coerência na comunicação.

Não obstante a isso, a usuária ainda discorda do professor. Para tanto, no comentário 4, ela afirma que “no caso não falando apenas de sotaque, mas da construção gramatical também”. Por meio dessa réplica, a usuária acrescenta, usando uma oração coordenada adversativa - “mas da construção gramatical também” -, outro aspecto que pode ser considerado como uma valoração negativa sobre o uso do ILF, qual seja, a utilização inadequada de aspectos gramaticais. Sabe-se que, segundo Jenkins (2015), o uso de itens léxico-gramaticais, como substantivos contáveis no lugar de incontáveis e o apagamento da concordância em terceira pessoa do singular em ILF são bastante comuns, o que pode, até mesmo, indicar uma mudança em progresso na própria língua. Contudo, segundo a mesma autora, tais usos não provocam problemas de comunicação. Mesmo assim, diferentemente do posicionamento do professor e do discurso acadêmico, a usuária coloca o uso “inadequado” da gramática em relação, certamente, ao padrão nativo, como mais um aspecto negativo do uso do ILF.

Tal posicionamento suscitou mais uma resposta do professor e de outra usuária da rede social, como vemos na Figura 4, abaixo.

**Figura 4** - Sequência de comentários 3



**Fonte:** página *Inglessemneura*

Notamos que, no comentário 1, da Sequência de comentários 3, o proprietário da página complementa seu ponto de vista e reformula a questão da gramática como uma competência comunicativa. Esse ponto de vista mantém relação dialógica com as pesquisas sobre o ILF que apontam para o fato de que os usos não canônicos de estruturas gramaticais não comprometem a comunicação entre os interlocutores. Diferentemente do ponto de vista de sua interlocutora, a gramática é valorada pelo professor como mais um fator que corrobora para o ILF quando diz: “Há nativos que não fazem a menor ideia de PRESENTE SIMPLES, PERFEITO”. Percebe-se ainda o uso da caixa alta, comumente compreendido, no mundo virtual, como grito, sugerindo um esforço reiterado do interlocutor no sentido de contrapor à opinião da seguidora, desconsiderando totalmente as ressalvas por ela elencadas acerca das valorações negativas sobre o ILF: “sotaque” (compreendido aqui como pronúncia) e “gramática”.

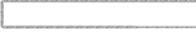
Mais adiante, no comentário 2, outra usuária do *Instagram* também responde ao comentário da primeira seguidora da página. Ela, por sua vez, evidencia sua discordância com a necessidade do que chama de “inglês perfeito”. Assim, ela afirma que “discordo, cresci nos Estados Unidos, tive cargo alto em companhia global,

ninguém se importava com sotaque ou inglês perfeito”. Cabe ressaltar, outrossim, que essa seguidora faz uso do mesmo recurso discursivo de sua antecessora no debate, quando evidencia que cresceu nos EUA e assumiu cargos de trabalho em posição elevada naquele país. Essas ressonâncias dialógicas imprimem um tom de legitimidade na defesa de seu ponto de vista, uma vez que, na arena do debate acerca do ILF no contexto em tela, os participantes se legitimam através de valorações de prestígio, quais sejam: a formação acadêmica, no caso do professor, as vivências no país estrangeiro, no caso da primeira usuária e a experiência profissional, no caso da segunda usuária. A experiência de vida da autora do comentário 2 foi decisiva para que ela pudesse discordar da primeira usuária que também vive/viveu nos EUA e avalia a pronúncia e a gramática fora do padrão nativo como empecilhos para o desenvolvimento profissional.

Quando comenta “Essa limitação eu via mais com os brasileiros do que com os americanos, de brasileiro sempre se achando menos”, a seguidora destaca uma postura de falta de confiança dos brasileiros de se comunicarem apropriadamente na língua inglesa que, mesmo de alcance global, ou franca, ainda carrega um jogo de forças entre metrópole versus colônia, americano versus latino ou mesmo nativo versus estrangeiro. O comentário, quando revela a postura do falante brasileiro em um contexto corporativo vivenciado pela usuária em questão, parece constatar a existência de uma posição de submissão em relação às potências hegemônicas que assinam aquele idioma como oficial. Essa passagem ilustra bastante bem o que Jordão (2023) chama de **síndrome do impostor** quando discute o ILF feito no Brasil. O enunciado da usuária, dessa forma, mantém relação dialógica de concordância com o discurso acadêmico, mesmo, talvez, sem conhecê-lo, e com a fala do professor no reels. Como afirmou o professor em sua postagem inicial, o brasileiro precisa aceitar suas especificidades enquanto falante de língua inglesa para, assim, reconhecer-se bilíngue.

A partir daí, a autora do comentário 2 narra sua experiência profissional e exemplifica como, em seu contexto, o que se valorizava era a atuação profissional em si e não o uso da língua inglesa mais ou menos próximo ao uso feito pelos nativos. Ao relatar as dificuldades na interação com os colegas, ela lembra que “no fim, eu comunicava em escrito para conseguir entender”. Mais uma vez, percebemos que quando o autor do enunciado avalia positivamente o uso do ILF, como é o caso, destaca-se a valoração positiva em relação à comunicação. Mesmo com a dificuldade na comunicação oral, a interação não deixava de acontecer. Comunicar-se, portanto, é o contraponto positivo na disputa pelos sentidos atribuídos ao uso do ILF.

**Figura 5** - Sequência de comentários 4


 11sem  
 eu não disse que é regra e que acontece com todas as pessoas em todos os lugares, disse que vi acontecer algumas vezes, e em LA, que de pequena não tem nada e onde tem uma imensidão de imigrantes, mas também tem muita gente de nariz empinado que se acha melhor que os outros e foda o bastante pra julgar e desmerecer o trabalho do outro. Quando eu vi a situação acontecendo eu reparei no que alguns grupos de pessoas estavam comentando/tirando sarro/imitando o sotaque ou a pronúncia/construção gramatical da frase “errada” em uma palestra. Desde criança quando ia pra faculdade de letras com a minha mãe aprendi com um professor dela que a comunicação perfeita é quando existe compreensão da fala, independentemente do vocabulário, então concordo com esse conceito. Só quis trazer um exemplo de algo que presenciei.

**Fonte:** página *Inglessemneura*

No comentário da Figura 5, por fim, observamos a resposta da interlocutora ao enunciado apresentado no comentário 2 da Figura 4. É salutar percebermos que, mesmo quando o enunciado em questão está endereçado como réplica direta a um outro enunciado por meio do recurso do @, e não ao enunciado principal, o *reels* que deu origem ao debate acaba por apresentar relações dialógicas com os enunciados anteriores - postagem e demais comentários. Essa característica vai ao encontro do que defende Bakhtin (2016) sobre a alternância de sujeitos no discurso e a atitude responsiva, características constatadas no *modus operandi* dos comentários do *Instagram*.

Por isso, a usuária, depois das interações com o professor e a outra usuária, parece reformular seu ponto de vista sobre o conceito de ILF e passa a concordar com ele, após o debate de ideias. Ela, baseada em sua experiência, ainda destaca que, em uma determinada interação “alguns grupos de pessoas estavam comentando/tirando sarro/imitando o sotaque ou a pronúncia/construção gramatical da frase ‘errada’ em uma palestra”. Percebemos que a avaliação negativa sobre o ILF anteriormente defendida pela autora do comentário parece ter sido baseada em uma experiência na qual os aspectos de “pronúncia” e “gramática” se sobressaíam, pois foram os fatores que geraram um tipo de escárnio por parte da plateia que ouvia a palestra.

Note-se a relação de poder subvertida nessa interação. O autor da palestra, portanto, o especialista, utilizava o ILF, enquanto o auditório, que tirava “sarro” de sua

pronúncia e gramática, era os aprendizes. Podemos hipotetizar, dessa forma, que o escárnio sofrido pelo palestrante pode ser interpretado como uma resposta negativa por parte dos falantes nativos que não aceitam estar em posição inferior na hierarquia de trabalho, especialmente por alguém que vem de um país onde o inglês não é majoritariamente a língua materna. Precisamos denunciar, a partir da análise dessa interação, que é comum, mesmo em contexto brasileiro, ouvirmos críticas à pronúncia de um falante indiano ou chinês, situações que, muitas vezes, extrapolam o riso e o humor e se aproximam de posturas xenófobas que precisam ser combatidas.

Em seguida, para contrapor a posição do grupo que fazia parte do auditório da palestra e, agora, para avaliar como positivo o conceito de ILF, a seguidora insere no discurso uma experiência com o campo da linguagem desde a tenra idade: “Desde criança, quando eu ia pra faculdade de Letras com a minha mãe aprendi com um professor dela que a comunicação perfeita é quando existe compreensão da fala”. Percebemos, aqui, que quando o autor do enunciado valoriza o ILF como positivo, mais uma vez, sobressai-se o elemento “comunicação”. Além disso, para imprimir um tom de legitimidade a seu comentário, a usuária afirma que aprendeu com “um professor” de sua mãe na “faculdade de Letras”. Dessa forma, na relação dialógica com o ponto de vista especializado, o discurso acadêmico, a comunicação, para a autora do enunciado, legitima o ILF como positivo e viável, mesmo em um país no qual o inglês é a língua nativa.

Para finalizar a análise, resta dizer que a postagem e os comentários dos seguidores que participam do debate sobre o ILF na rede social enfatizam a todo momento as experiências que validam a legitimidade de seus pontos de vista, inserindo-os no rol de indivíduos que conhecem determinado campo cultural da comunicação discursiva. Além disso, a dinâmica da interação discursiva aponta para o entendimento de que a análise dialógica em ambiente digital necessita acompanhar a dilatação espaço-temporal das interações sem perder de vista, por outro lado, o funcionamento dialógico da linguagem no qual os enunciados, sempre de autoria de um sujeito do discurso, participam de um simpósio universal e que os sentidos se distribuem, como lembra Bakhtin (2016), nos diferentes pontos de vista sobre um determinado objeto de discurso.

## 6 Considerações finais

Como afirmamos anteriormente, neste artigo, analisamos as valorações em torno do conceito de ILF em uma interação na rede social *Instagram*. Analisamos uma postagem com uma sequência de oito comentários da página pública *Inglessemneura*. Dada a análise, foi possível verificar que as valorações sobre o ILF partem das experiências compartilhadas pelos autores dos enunciados que vivem/viveram em um país de língua inglesa. A experiência acadêmica, no caso do professor autor da postagem, e a experiência profissional de quem vive/viveu nos Estados Unidos, no caso das duas usuárias da rede social, que interagem no recorte apresentado como *corpus*

do artigo, funcionam, em nossa interpretação, como balizadora da forma como o autor do enunciado se posiciona em relação ao objeto de discurso.

Dessa forma, podemos apontar que, a partir da análise das valorações apresentadas, o ILF é uma realidade em grandes cidades de países de língua inglesa, mas que pode ser uma prática social desvalorizada em ambientes mais formais. Esse ponto de vista se estabelece na tensão entre o contexto social (cotidiano), no qual o uso do Inglês Língua Franca pode ser valorizado de forma positiva, e o contexto de trabalho, no qual o uso do ILF é valorado como negativo. Nesse palco de tensões, pronúncia/sotaque e gramática fora do padrão nativo são os aspectos ressaltados por quem avalia negativamente o ILF, podendo gerar, até mesmo, falta de credibilidade em quem fala, enquanto a comunicação é o aspecto posto em evidência por aqueles que o avaliam positivamente, ponto de vista que encontra apoio no discurso acadêmico do profissional de Letras, por exemplo.

Portanto, este artigo apresenta-se para a área como uma contribuição em dois aspectos. O primeiro, para os estudos do ILF, uma vez que apresentamos pontos de vista sobre o objeto de discurso produzidos em outro campo da atividade humana, mais ligado ao debate cotidiano, da praça pública, analogia que utilizamos para caracterizar as interações em ambientes digitais, fora dos tradicionais campos acadêmico e oficial. O segundo, para a Análise Dialógica do Discurso que investiga interações em contexto digital, como é o caso das pesquisas desenvolvidas em nosso grupo e para além dele. Entendemos que, com este estudo, outras pesquisas podem aprimorar, do ponto de vista dialógico, a interpretação das interações discursivas em contexto digital, especialmente em redes sociais, como nos esforçamos para exemplificar ao longo destas linhas.

## Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016a, p.11-70.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BASTOS, Rafael Lira Gomes. A Linguagem de sala de aula em um curso de formação inicial de professores de língua inglesa. **Memento**, [S. L.], v. 2, n. 10, p. 1-20, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/5891>. Acesso em: 15 maio 2023.

BASTOS, Rafael Lira Gomes. As disputas de sentido envolvendo o corpo homossexual masculino caracterizado como urso: um exemplo de análise dialógica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 35-56, out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/gLZPrztS4f5dW7MKzSMVYrM/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2023.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em: 16 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 13415, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm). Acesso em: 14 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 13853, de 8 de junho de 2019. Brasília, 19 dez. 2019. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/l13853.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13853.htm). Acesso em: 14 jun. 2023.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Documento Curricular Referencial do Ceará: ensino médio. Fortaleza: SEDUC, 2021. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/documento-curricular-referencial-do-ceara/>. Acesso em: 16 maio 2023.

DUBOC, A. P. M. Falando francamente: uma leitura bakhtiniana do conceito de “inglês como língua franca” no componente curricular língua inglesa da BNCC. **Revista da Anpoll**, [S.L.], v. 1, n. 48, p. 10-22, 25 jun. 2019. ANPOLL. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1255>. Acesso em: 15 maio 2023.

DUBOC, A. P.; SIQUEIRA, S. ELF feito no Brasil: expanding theoretical notions, reframing educational policies. **Status Quaestionis**, [S.L.], p. 231-258, 1 nov. 2020. Disponível em: [https://rosa.uniroma1.it/rosa03/status\\_quaestionis/article/view/17135](https://rosa.uniroma1.it/rosa03/status_quaestionis/article/view/17135). Acesso em: 24 maio 2023.

GIMENEZ, T.; KADRI, M. S. E.; CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, D. S. P.; PORFIRIO, L. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 593-619, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/MYDYbjDqBK4SNBvxg6DBfjS/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2023.

JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. **Englishes In Practice**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 49-85, 14 ago. 2015. Disponível em: <https://sciendo.com/article/10.1515/eip-2015-0003>. Acesso em: 24 maio 2023.

JORDÃO, C. M. A case for ELF feito no Brasil. **Elt Journal**, [S.L.], p. 1-9, 22 mar. 2023. Disponível em: <https://academic.oup.com/eltj/advance-article-abstract/doi/10.1093/elt/ccado06/7083270?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 24 maio 2023.

LOPES, R. S.; BAUMGARTNER, C. T. Inglês como língua franca: explicações e implicações. **The Specialist**, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 1-13, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053>. Acesso em: 15 maio 2023.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho; RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. Relações

dialógico-valorativas da profissão docente em charges virtuais: revisitando representações sociais. **Horizontes**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 1-21, 26 abr. 2022. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1278/623>. Acesso em: 15 maio 2023.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.



# The valuations around the concepts of English as a Lingua Franca in an interaction on the social network Instagram

---

## ABSTRACT:

In this article, we analyze the valuations around the concept of English as a Lingua Franca (ELF) in an interaction on the social network Instagram. For this purpose, through the theoretical-methodological contribution of Dialogical Discourse Analysis, a post on the *Inglesemneura* page was analyzed with a sequence of eight comments. We considered in the analysis, specifically, the experiences of life shared by the comments of those who live/lived in an English-speaking country as guideposts of the way in which the author of the utterance positions himself in relation to the object of discourse. The results point to the understanding that ELF is a reality in large cities in English-speaking countries, but that it can be an undervalued social practice in more formal environments. Pronunciation/ accent and non-native standard grammar are the aspects highlighted by those who evaluate the ELF negatively, while communication is the aspect highlighted by those who evaluate it positively.

---

## KEYWORDS:

English as a Lingua Franca;  
Dialogism;  
Valuation;  
Instagram;